



Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

BRAVISSIMO!



O TENOR GAYARRE

IL mondo casca, como ainda hoje repetem na Italia aquelles que teem algum tempo para cogitar sobre as vicissitudes humanas nos curtos intervallos que as pausas da musica concedem ás caturreiras da philosophia.

Effectivamente todo o vasto edificio social, tão laboriosamente construido pela religião, pela politica, pela philosophia, pela litteratura e pela arte dos nossos antepassados, ameaça desabar inteiramente n'um desmoronamento enorme.

Tudo perece, tudo cae em torno de nós; só o tenor fica, em pé, victorioso e triumphante, com a mão no peito, os olhos no azul, atacando no apice da escala o dó sustenido, no meio da fascinação geral das multidões absortas e rendidas a seus pés.

O tenor é no mundo moderno o unico herdeiro, o depositario e o senhor de todos os prestigios com que os grandes poderes das civilisações extinctas dominaram e submetteram atravez dos seculos a imaginação dos homens.

D'elle, a tiara dos pontifices e a purpura dos cezares. D'elle, a branca tunica do martyr, a manopla do athleta e a espada curta do gladiador. D'elle, o punhal de ouro suspenso do pescoço, symbolo do direito patricio de vida e de morte. D'elle, a harpa do trovador, a lyra do menestrel, a lança do paladino, a pluma branca do gôrro do pagem, as esporas de ouro calçadas nas botas dos cavalleiros. D'elle, o alphange do serraceno, os guantes do godo, e a cruz vermelha do crusado. D'elle, a paixão do Fausto, a ternura de Romeu e a bôa fortuna de D. João.

Emquanto os fascinantes attractivos do bello animal guerreiro e amante se tornam cada vez mais defesos ao homem na lucta pela vida e no conflicto da selecção da especie sob o regimen aniquiladôr das calças compridas, da casaca preta, do codigo da civilidade e da instituição da policia civil, o tenor unicamente gosa o privilegio de continuar a ser formoso e brilhante no meio de um mundo de cheviote, preto, sombrio e hediondo.

E' tão innato no homem o culto do adorno e a admiração d'elle, que as mesmas raças selvagens pensam em aformosear-se antes de pensar em vestir-se. Antes de pôr um *ulster* para o frio o pae preto põe um brinco no nariz para parecer bem á preta.

Ao tenor, sómente, se permitte hoje ser bello. A' outra gente não. Emquanto nós temos que restringir ao *pantalon colant* e ao *veston cintré* todos os nossos recursos de effeito, o tenor tem para elle os veludos dos Medicis, os setins dos Borgias, as rendas dos Stuarts e os arminhos dos Bourbons. Tem o elmo empenachado e o arnez rutilante de um duque de Bourgogne ou de um conde de Champagne; põe á cinta a *rapière* cavalheiresca de Francisco I, o vencedor de Marignan; carrega no olho o amplo feltro romanesco de D. João de Aragão, e rebuça-se na capa aventurosa de D. Cesar de Basan.

Para elle os macios *maillots* de seda côr de perola, os borzeguins de setim estrellado de ouro, os justilhos golpeados e pespontados de aljofares, as camisas do mais fino ponto de Inglaterra, de Alençon ou de Veneza, e os collares, os medalhões, os punhaes e os copos d'espada á Benvenuto Celini, cravejados de diamantes e d'esmeraldas.

Como profissão a do tenor consiste em amar e ser amado, a tantos mil francos por caricia, pelas mais bellas e mais geniaes mulheres que a celestial poesia concebeu na terra. E' para elle que Sapho dedilha a lyra e que Cleopatra despresa o amor de Cezar. E' para elle que Julietta sorri do balcão engrinaldado de hera á hora a que gorgeam no valle as cotovias. E' para elle que D. Sol repelle o throno de Carlos V. E' para elle que Gretchen desfolha as margaridas orvalhadas. E' para elle emfim que a terna Desdemona suspira a aria do salgueiro, e que a doce Ophelia perpassa, morta, no lago azul, rodeada de corôas fluctuantes, levada n'um murmurio d'agua, beijada n'um raio de lua.

E o tenor corresponde a tudo isto arrojando o chapeu a um lado, a capa a outro, crusando os braços no peito abrindo a bocca, e deixando sahir a voz.

Na sua derradeira noite, ao abrir a bocca, e ao constatar-se que não sãe nada para fóra, o tenor não tem mais do que deixar-se cahir para acabar com gloria. Oito braços de inglezas velhas, que o seguem para toda a parte com os seus véus de viagem, os seus periquitos e os seus *Times*, amparam-o com ternura e levam-o comsigo para o sanctuario inviolavel das paixões castas e mudas.

Gayarre, cujo perfil entra hoje no *Album das Glorias*, é tenor. Dizemol-o com todo o rancor que a torpe inveja nos inspira.

Não nos faltava agora mais nada senão que, depois de haver definido a especie a que elle pertence, tivessemos ainda de nos occupar da individualidade que elle representa, tecendo-lhe os elogios que se lhe devem!.. Oh! nunca!

JOÃO RIBAIXO